

1.21 • Conjuntura Internacional

PARA ALÉM DO SRI-LANKA

Nuno Lemos Pires

Texto entregue em Julho de 2019

A HISTÓRIA ENSINA QUE HOVE GRAVÍSSIMOS erros de análise na antevisão da evolução de conflitos. A circunstância levou, demasiadas vezes, a propostas de ação que apenas resolveram o problema daquela situação específica. Por exemplo, os EUA apoiaram Ho Chi Min no final da segunda guerra mundial, Saddam Hussein durante a guerra Iraque-Irão e vários dos futuros líderes talibás durante a ocupação soviética e, depois, sabemos a história: os aliados de então passaram à situação de adversários principais.

É fácil fazer esta análise agora, mas foi muito difícil fazê-la na altura. Importa por isso, mais do que retirar supostas lições do passado, entender o que se está a passar dentro do fenómeno do terrorismo transnacional para, prospectivamente, encontrar caminhos de evolução que antecipem surpresas estratégicas e evitem apostas tímidas e circunstanciais.

Vamos fazer uma breve análise do que foi e significou o ataque terrorista no Sri-Lanka em abril de 2019, olhar para lá da região e enquadrar o tema em duas grandes vertentes: do terrorismo transnacional global e da perspectiva mais global dos objetivos prosseguidos, com ou sem recurso à violência explícita.

O ataque no Sri Lanka

Nove locais atacados, 320 mortos (35 eram estrangeiros) e mais de 500 feridos. Ataques por bombistas suicidas, oriundos de “famílias bem estabelecidas, tendo alguns deles estudado em universidades estrangeiras, indica uma vez mais que os recrutas para missões suicidas não são tirados apenas dos ignorantes com problemas económicos e emocionais”¹. O grupo a que pertenciam denomina-se Thawahid Jaman e tem ligações ao denominado Grupo Estado Islâmico (Daesh). O ataque visou o “cristianismo, o turismo e o mundo empresarial ocidental”² e, para que não duvidássemos da determinação perseguida, vimos uma das mulheres a fazer-se explodir juntamente com os seus filhos. A preparação, a determinação demonstrada, a organização e a capacidade de atuar, desta forma altamente complexa, merecem uma reflexão maior.

Como em qualquer outro ataque há, quase sempre, motivações internas e externas, causas pessoais, regionais e globais. No Sri Lanka há uma situação política complicada (visível nas difíceis relações entre o primeiro-ministro e o presidente), uma guerra civil mal resolvida e inúmeros conflitos étnicos, religiosos e geopolíticos. Neste, como em todos os ataques complexos e bem organizados, nunca há só uma razão ou motivação, há muitas. Mas vamos olhar para além deste ataque. O Daesh está, mesmo depois de ter perdido quase todo o seu território na Síria e no Iraque, bem presente em várias áreas do mundo. O ataque

no Sri Lanka não foi um momento isolado, nem espontâneo. Foi pensado, planeado, financiado, sustentado e executado em linha com planos muito mais ambiciosos e globais do que a simples execução de um simples ato de violência local pode parecer indicar³. Estamos no terrorismo transnacional 3.0⁴, que se afirma por defender objetivos globais, muito acima de simples ambições regionais ou locais.

Enquadrando o fenómeno

A circunstância de análise é fortemente influenciada pela perceção do momento. Olha-se para 2019 e pensa-se numa acalmia do fenómeno do terrorismo em 2018. Na verdade, a acalmia de 2018 foi em países ditos “ocidentais” porque, no resto do mundo, o fenómeno continuou em alta. O problema é que a circunstância percecionada de análise leva aos decisores, também eles muitas das vezes, líderes conjunturais ou circunstanciais, a mudar recursos e estratégias em função da situação percebida no momento. Em 2018, no mundo, houve mais ataques do que em 2017, invertendo uma tendência de descida desde 2014. Mas, na Europa, nos EUA e entre os seus principais aliados, houve muito menos ataques em 2018⁵.

“
Desde os anos de 1980
que são bem evidentes
as duas narrativas
extremadas e violentas,
a da al-Qaeda e a que,
mais tarde, criará o Daesh.”

Infelizmente, muita da análise e, pior, muitas das repostas políticas, partem apenas deste tipo de constatações. É verdade que o Daesh ficou praticamente sem território no Iraque e na Síria em 2018 (em 2015 tinha chegado a ocupar uma área equivalente a Portugal, com mais de 11 milhões de habitantes e uma riqueza acumulada de 3.000 milhões de Euros)⁶. Em 2019 perdeu os financiamentos, a influência e o poder, desmesurado, que detinha. Mas como os ataques diminuíram na Europa e nos EUA em 2018, a perceção levou a mudanças. Infelizmente, muitas destas mudanças não são nem estruturais nem sustentadas em políticas de longo prazo.

Mudanças apressadas levam ao interromper de estratégias pensadas para o longo prazo. Estratégias interrompidas deixam de ser estratégias. Apenas há estratégia quando há determinação de a prosseguir, no tempo e no espaço, até ao fim. Sabe-se que houve quase 42.000 comba-

tentes de todo o mundo (oriundos de mais de 80 países) a juntarem-se ao Daesh entre 2014 e 2018, que cerca de 5.000 eram mulheres, que outros tantos eram menores, que quase 8.000 destes combatentes já regressaram ou tentam regressar aos seus países de origem e, embora alguns tenham decidido abandonar a causa ou os métodos defendidos pelo Daesh, a maioria continua a defender os seus ideais distorcidos⁷.

A violência demonstra a ação, e os atos de terrorismo são a face mais visível que perturba e marca a agenda mediática. O número de ataques terroristas diminuiu efetivamente, em especial na Europa e nos EUA, mas, o que muitos parecem esquecer, é que a intenção política radical de ganhar poder, com ou sem violência, que é um fator muito mais importante de analisar e de dissecar, nada indica que esteja a diminuir.

Em 2011 tivemos um exemplo claro de “decisões apressadas”. Ossama bin Laden tinha sido abatido, o Norte de África e o Médio Oriente “explodiam” em primaveras árabes e, por isso, EUA e aliados retiravam, rápida e completamente, as suas forças do Iraque enquanto baixavam a sua presença e apoio a muitos países da região. Foi uma circunstância mal-entendida que levou, em 2014, a fenómenos de enorme dimensão, sendo o mais visível, a ascensão meteórica do Daesh e a consequente monstruosidade global que provocou⁸. Será que em 2019 caminhamos para um erro semelhante?

O verdadeiro problema

O verdadeiro problema reside na narrativa por detrás da ação. De uma narrativa tanto global como regional, que propõe objetivos claros a atingir, independentemente de implicar o uso de violência ou a não. Em 2019, a narrativa jiadista radical, em especial a não violenta, não parece estar a diminuir – pelo contrário, está forte e bem consolidada.

Desde os anos de 1980 que são bem evidentes as duas narrativas extremadas e violentas, a da al-Qaeda e a que, mais tarde, criará o Daesh⁹. Estes grupos usaram e usam a violência para atingir os seus objetivos, mas ambos se alimentam de narrativas assertivas, que existem desde o primeiro milénio e que evoluíram de forma exponencial desde a criação da Irmandade Muçulmana em 1928 por Hasan Al-Bana.

Estas ideologias, por vezes, manifestam-se com violência, mas, na maioria das vezes, traduzem-se apenas em campanhas demoradas, não violentas, que procuram subverter a normalidade democrática dos Estados através de estratégias bem pensadas, articuladas e profundamente desestabilizadoras. Os trabalhos de investigação de Kenneth Reidy (2018) e de Francisco Jorge Gonçalves (2019), sobre *“The Accidental Ambassadors: Implications of Benevolent Radi-*

RADICALISMO GERA RADICALISMOS

O problema principal não é apenas o recurso à violência, é fundamentalmente o da disseminação e atratividade de narrativas radicais proponentes de sistemas políticos totalitaristas, sejam de inspiração religiosa radical, sejam de ideologias populistas dominadoras. Alguns dos movimentos radicais islâmicos defendem, um pouco por todo o mundo, sistemas políticos baseados numa visão estrita da Sharia (incluindo para os países da Europa). Em oposição, crescem os grupos de extrema-direita com discursos tão assertivos e radicais quanto esses, pondo igualmente em causa os sistemas democráticos em que vivemos¹¹.

Assiste-se a movimentos no Reino Unido, em França, na Alemanha, na Bélgica, nos EUA, na Austrália, a defender que a Sharia devia ser a base política nestes Estados¹². Durante muitos anos as pessoas e os governantes ignoraram estas tomadas de posição e tardaram em responder. Só reagiram quando houve violência, quando houve terrorismo e a permissividade ao discurso radical abriu campo ao crescimento de outros movimentos que apresentam um discurso baseado no ódio e na oposição ao “outro” (contra muçulmanos, judeus, orientações sexuais, etnias, etc.).

Radicalismo gera radicalismos e é aqui que se deve centrar a ação. Deve-se expor o absurdo de ideias totalitárias, excludentes, impositivas e procurar mecanismos de inclusão de comunidades e de cidadãos¹³. Garantir uma educação aberta, respeitadora dos princípios de igualdade, entre homens e mulheres e entre religiões. O importante é combater ideias que defendam restrições aos direitos, liberdades e garantias das pessoas, imposição de sistemas políticos ou a expulsão e a minoridade da livre expressão de diversas minorias. Resume-se à busca de equilíbrio, oportunidade, firmeza e contra narrativa. Uma correta contra narrativa evita radicalismos e previne a violência. É a chave para travar e inverter a tendência do crescimento de radicalismos de todos os tipos.

calization” e as “As Ameaças Não Violentas do Islamismo Radical – O Hizb ut Tahrir na Grã-Bretanha (1986-2015)” descrevem em profundidade esta temática.

O verdadeiro problema não está na circunstância que determinou a ação violenta. Está na causa enunciada de que se alimentam os extremistas violentos. Muito mais do que atos violentos há, em escala maior, mesmo muitíssimo maior, quem persiga e defenda projetos não violentos (circunstancialmente) de subversão da ordem política democrática e constitucional. Há propostas de sistemas totalitários e há vontade demonstrada de limitar direitos, liberdades e garantias a milhões de seres humanos. Abundam movimentos que defendem direitos desiguais entre homens e mulheres, oportunidades exclusivas para determinadas religiões, restrições no acesso à educação e imposição política de “algumas verdades” que não podem ser debatidas.

A proposta “político-religiosa” de impor um sistema não é recente. Podemos encontrar essa intenção desde os primeiros Carijitas do século VII d.C. até às ideias excludentes, amplamente difundidas por Mawdudi e al-Qutb em meados do século XX. Este último autor que, entre várias obras, deixou o livro “Marcos Miliares – *Milestones* – 1964” simplifica que tudo se resume a uma simples escolha entre “Al-Hakimiyya (soberania divina) e a Al-Jahiliyya”¹⁰.

Não estamos perante ameaças existenciais, nem sequer de riscos disruptivos. Mas temos um problema real, que tem dimensão e pode, efetivamente, aumentar. Tudo dependerá da forma como olharmos, lidarmos e respondermos ao problema nas suas várias dimensões. Responder à violência é apenas responder a uma das dimensões.

Muitos grupos que defendem objetivos políticos, que consideramos absurdos, desaparecem, mas infelizmente, muitos mais surgem com as mesmas ideias (em Gonçalves, 2019, demonstra-se a existência sucessiva de mais de dez grupos radicais no Reino Unido, com um ideário parecido, que surgiram mal o anterior era ilegalizado). A determinação é assim demonstrada pela resiliência dos ideais e os grupos que defendem

o uso da violência não são exceção. A al-Qaeda continua implantada em todo o mundo e o Daesh continua, mesmo depois de tudo, a expandir a sua influência (em Moçambique, no Burquina Faso, no Afeganistão e, naturalmente, no Sri Lanka).

“
Mas à narrativa radical
tardámos a reagir
e continuamos tímidos
em responder de forma
assertiva.”

Resolver o problema não é, simplesmente, travar a violência. É acabar com a causa defendida que, por vezes, poucas vezes, recorre à violência. É preciso opor uma narrativa estruturada à narrativa radical e mostrar a verdadeira natureza da ação distópica destes radicais (deve ponderar-se, de forma séria, outras estratégias como a preparação de muito mais documentários e reportagens fotográficas sobre as bestialidades cometidas pelo Daesh na Síria e no Iraque porque é fundamental mostrar os inúmeros atos do imenso sofrimento que causaram, desde as escravizações forçadas, as mortes por tortura, o queimar vivo de homens, mulheres e crianças, até às violações sistemáticas, sujeitando às maiores humilhações, pessoas de crenças ou etnias diferentes). Finalmente, tem de haver uma estratégia direcionada para as gerações mais novas, para as crianças que nasceram ou viveram em idades muito jovens dentro destas regiões. Temos de evitar que surja uma nova geração radical e global.

Em síntese

Os ataques no Sri Lanka em 2019, demonstraram o que não se queria ver e destaparam o que se escondia de muitos: que há duas grandes dimensões de um mesmo problema e que, aparente-

mente, apenas nos preocupamos com a menor das duas. Só reagimos, de forma clara, à violência. Mas à narrativa radical tardámos a reagir e continuamos tímidos em responder de forma assertiva.

Somos míopes. A uma aparente acalmia nos ataques violentos em solo europeu, americano, australiano ou canadiano, interrompemos ações estratégicas de longo prazo e ignoramos as ameaças silenciosas, não violentas, de perturbar modelos políticos democráticos, constitucionais e consolidados. Radicalismo gera radicalismos. Se os governos não reagem, criam-se grupos na sociedade que tomam essa iniciativa e, porque são criados a partir do caos, geram ainda mais violência.

Não estamos perante fenómenos que impliquem ameaças existenciais, mas temos problemas graves que estão mal respondidos. Não é por travar um ato violento que se acaba com a narrativa radical. Que 2020 não se pareça com 2011 porque é combatendo a origem do problema que se vencerá o efeito último das ações violentas. ■

Notas

¹ Schweitzer, Yoram (2019), “The Attacks in Sri Lanka and Trends in Salafi Jihadist Activity”, INSS online, consultado em 25 de julho de 2019, disponível em: <https://www.inss.org.il/publication/attacks-sri-lanka-trends-salafi-jihadist-activity/>

² *Idem*.

³ Lopes, Margarida Santos (2019), “Daesh – O califado morreu a ideologia não”, Revista Visão de 4 de Julho de 2019, Lisboa, pp. 66-71.

⁴ Stavidris, James (2019), “Sri Lanka Attacks Mark the Birth of Terrorism 3.0”, Bloomberg online, consultado em 23 de julho de 2019, disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2019-04-23/sri-lanka-attacks-mark-the-birth-of-terrorism-3-0>

⁵ IEP – Institute for Economics & Peace (2018), “Global Terrorism Index 2018”, Center of excellence of the U.S. Department of Homeland Security led by the University of Maryland, Sidney, consultado em 26 de Agosto de 2019, disponível em: <http://visionofhumanity.org/app/uploads/2018/12/Global-Terrorism-Index-2018-1.pdf>

⁶ ICSR – International Centre for the Study of Radicalization (2018), “From Daesh to ‘Diaspora’: Tracing the Women and Minors of Islamic State”, Department of War Studies, King’s College London, consultado em 21 de Agosto de 2019, disponível em: <https://icsr.info/2018/07/23/from-daesh-to-diaspora-tracing-the-women-and-minors-of-islamic-state/>

⁷ *Idem* e Reidy, Kenneth (2018), The Accidental Ambassadors: Implications of Benevolent Radicalization, Tese de Doutoramento da Universidade de Northumbria, Consultado em 26 de Agosto de 2019, disponível em: <http://nrl.northumbria.ac.uk/39788/>

⁸ Hanieh, Hasaan e Mohammad Rumman (2015), *The Islamic State Organization*, FES Jordan & Iraq, Jordânia.

⁹ Hamming, Tore (2019), “The Hardline Stream of Global Jihad: Revisiting the Ideological Origin of the Islamic State”, Combating Terrorism Centre, Janeiro de 2019, Vol 12 nº 1, pp. 1-7, West Point / New York, consultado em 29 de julho de 2019, disponível em: <https://ctc.usma.edu/hardline-stream-global-jihad-revisiting-ideological-origin-islamic-state/>

¹⁰ Hanieh, Hasaan e Mohammad Rumman (2015) (...), p. 224.

¹¹ Macklin, Graham (2019), “The Evolution of Extreme-Right Terrorism and Efforts to Counter It in the United Kingdom”, Combating Terrorism Centre, Janeiro de 2019, Vol 12 nº 1, pp. 15-21, West Point / New York, consultado em 29 de julho de 2019, disponível em: <https://ctc.usma.edu/evolution-extreme-right-terrorism-efforts-counter-united-kingdom/>

¹² Gonçalves, Francisco (2019), *As Ameaças Não Violentas do Islamismo Radical - O Hizb ut Tahrir na Grã-Bretanha (1986-2015)*, Tese de Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

¹³ Reidy, Kenneth (2018), The Accidental Ambassadors: Implications of Benevolent Radicalization, Tese de Doutoramento da Universidade de Northumbria, Consultado em 26 de Agosto de 2019, disponível em: <http://nrl.northumbria.ac.uk/39788/>